

# *O semblante como esvaziamento do ser e do poder no laço entre analistas<sup>1</sup>*

Luciano Elia<sup>2</sup>

A questão do semblante é de grande interesse para os psicanalistas que escolheram seguir a orientação lacaniana em sua práxis e em sua teoria. O semblante se impõe a Lacan como uma vicissitude estrutural de seu desenvolvimento discursivo, não como uma opção facultativa e diletante de pensar. Não seria possível a Lacan ter chegado a ele sem os passos precedentes, sem os avatares que sua práxis encontrou em sua direção a um determinado real cada vez mais trazido para o miolo da cena clínica, do ato psicanalítico, do pensamento e do discurso psicanalíticos em suas incidências políticas e sociais.

Podemos dizer que o semblante é um desdobramento discursivo do significante, este de primeira hora no ensino de Lacan, mas que passou por importantes transmutações ao longo deste ensino. De algo muito próximo à sua definição saussureana, mas a nosso ver nunca idêntico a ela, mesmo no primeiro momento de sua tomada por Lacan (pois que, ainda que concebido em sua materialidade discursiva, em sua *moterialité*, o significante lacaniano jamais se apresentou de forma revelada, explícita e patente como uma massa sonora audível, por exemplo, mas sempre guardou um velamento que o articulou ao inconsciente freudiano e o situou como operador do recalçamento), o significante passa por diferentes acepções ao longo do ensino de Lacan.

Em momento avançado do ensino de Lacan, o significante cessará que ocupar a função primordial de ordenar o campo da linguagem para entrar na estrutura do discurso, e neste momento uma importante transmutação se opera: o significante se destaca, como

---

1 Trabalho elaborado no âmbito do Grupo de Trabalho *Discurso, semblante e laço social entre analistas* organizado no interior dos enlances de trabalho de Convergencia (Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana) em 2014, e a ser apresentado no VI Congresso Internacional de Convergencia, a realizar-se em Madrid entre os dias 12 e 14 de junho de 2015, no quadro das atividades deste Grupo.

2 Psicanalista, membro do Laço Analítico Escola de Psicanálise (Brasil), escola membro de Convergencia (Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana).

S1, para intervir na rede que se constitui como um saber, em S2. Uma disparidade, ou antes, um desnível lógico se instaura (que não estava presente do mesmo modo na dupla S1-S2 dos círculos de Euler do Seminário XI e nas cadeias de até então). S1 não será mais do mesmo nível, estatuto de S2, e o que causa este desnível é, indiscutivelmente, a entrada do real na consideração psicanalítica, não mais como resto, "objeto perdido da linguagem"<sup>3</sup>, mas como elemento operatório, ex-sistente, que opera e insiste desde o seu lugar, que é de fora do simbolizável.

Ora, esta entrada não poderia deixar intacto o próprio estatuto do significante. Ele também passa a sofrer os efeitos do real, e a própria disparidade lógica entre S1 e S2 (um é uno, lugar da significância, intensão discordancial - não idêntico a si-mesmo - vetor de sentido; o outro é uma rede de saber, da qual se depreende o objeto e a significação, extensão foraclusiva, para usarmos os modos de negação que Lacan introduz na lógica da sexuação)<sup>4</sup>.

O significante dá lugar ao semblante, e isso pela via de sua função no discurso: semblante é o que agencia o discurso, e isso só se estabelece assim a partir do primeiro discurso, o do mestre, em que o significante S1 está em seu lugar, o lugar de agente. Nos giros discursivos, o lugar do agente - e portanto do semblante que é o discurso (e não o semblante *do* discurso: "De um discurso que não *fosse* semblante"<sup>5</sup>) - será ocupado pelo sujeito barrado do inconsciente e do desejo - o sujeito da histeria - e pelo objeto *a*, causa do desejo, em função de agente/semblante do discurso que é, ele próprio, semblante. O semblante estará para o significante com a língua estará para a linguagem, sublevações do discurso que não refutam os termos sublevados, mas os transformam imensamente.

Esta progressão, por assim dizer, não se opera nem se efetiva sem que uma dimensão crucial seja trazida para o centro da discussão: a dimensão do ser. O que faz a psicanálise com o ser? Rejeita-o na ontologia dos filósofos, de onde ele só poderia retornar como *entidade* no tablado da cena psicanalítica? Ou o submete ao mesmo moinho pelo qual todas as demais categorias "veneráveis" do pensamento humano, incluindo a de Deus, precisaram passar para que o discurso psicanalítico pudesse produzir seus efeitos no mundo e no laço social, incluindo aquele que os próprios psicanalistas travam entre si?

Ao analista é dado desconsiderar o ser? Desde *A Direção da cura e os princípios de seu poder* (1958), Lacan já nos indicava que um dos níveis através dos quais o analista paga seu capital na empreitada analítica é o do ser (*Kern unseres Wesens*, valendo-se, para

---

3 Cf. Lacan, J. - *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse* 1953, in *Écrits*, Paris, Aux éditions du Seuil, 1966.

4 Cf. Lacan, J. - *Le Séminaire, Livre XIX (...ou pire)*, 1971-72, Lição I, *La petite différence*, de 8/12/1971, Paris, Aux éditions du Seuil, 2011, p. 22-23.

5 Idem - *Le Séminaire Livre XVIII (D'un discours qui ne serait pas du semblant)*, 1971. Paris, Editions du Seuil, 2006.

expressar isso, dos termos do próprio Freud<sup>6</sup>). O analista paga com palavras na interpretação (nível tático), com sua pessoa na transferência (nível estratégico) e com seu ser no ato (nível político), em que ele "melhor faria em ancorar-se sobre sua falta-de-ser do que sobre seu ser"<sup>7</sup>).

Contudo, será que podemos sustentar que a *falta-de-ser* (*manque-à-être*) se mantém enquanto tal até o final do ensino de Lacan? O que é que a aproximação do real produz em termos do estatuto do ser na experiência e no discurso psicanalítico? Mantém este estatuto como pura falta? Ou o situará como um *ser-de-lado*, - um (*être-à-côté*)<sup>8</sup>?

A linguagem sempre erra o alvo, nunca acerta no referente (o ser) que está sempre *à cotè*. E é neste vão, neste espaço que separa a linguagem do ser jamais atingido, que se impõe o *paresser*; o *par-être*, o ser que só é ao lado do ser. Ora, o semblante é exatamente o que, do dizer, do significante como ex-sistindo ao próprio campo do significante (posto que o dizer é o que ex-siste ao dito), vem responder por esta espécie de lateralidade/impossibilidade de se atingir o ser. Mas, sem a referência ao ser, nada de semblante, o que faz toda, mas toda a diferença entre semblante e aparência. O primeiro é atravessado pela dimensão do ser ao lado, o segundo mascara o ser, mantendo a ilusão de que, em algum lugar velado, este ser persistiria.

Numa outra referência lacaniana ao ser, no mesmo momento do ensino, o ser é dito por Lacan como "aquilo que, na linguagem mais se furta - o ser que, mais um pouquinho, ia ser, ou o que ser que, justamente por ser, fez surpresa"<sup>9</sup>. E pude acrescentar que este ser está talvez bem próximo do significante *me-ser* (*m'être*, que em francês faz homofonia com *maître*, o significante mestre, S1, justamente o lugar próprio do semblante no discurso que por isso mesmo é, ele próprio, como tal, semblante *do que não é*, no estatuto do ser - não é, mas sustenta-se como sendo o que é a partir da inexistência mesma do que não é.

Tudo isso implica uma grande exigência de trabalho (analítico) para que se ocupe o lugar do analista, por ser um lugar especialmente marcado pela semblância, uma vez que seu discurso (seu semblante, portanto, já que o discurso é semblante, inclusive o do psicanalista, pois que não há discurso que não seria semblante, o que, por sua vez, só se sustenta como inexistência em face da admissão da existência, negada, de um discurso que não o seria, semblante), enfim, seu discurso-semblante é agenciado pelo objeto *a* nesta posição, o que produz ruptura no próprio funcionamento do semblante.

---

6 Cf. FREUD, S. - *Die Traumdeutung* (1900), Capítulo VII (*Zur Psychologie der Traumvorgänge*) Seção E (*Der Primär- und der Sekundärvorgang*), in *Studienausgabe*, S. Fischer Verlag, Frankfurt-am-Main, 1972, Vol. II, p. 572-573.

7 Cf. LACAN, J. - *La direction de la cure et les principes e son pouvoir* (1958), *Écrits*, op. cit., p. 589.

8 Idem - *Le Séminaire, Livre XX (Encore)*, 1972/73, Paris, Aux éditions du Seuil, 1975, p. 44 (Lição IV, *L'amour et le signifiant*, de 16 de janeiro de 1973).

9 Ibid., p. 40.

O trabalho de ocupar o lugar e a função de analista inclui uma série de operações com o ser, seu esvaziamento ao longo de uma sucessão de esvaziamentos parciais, e não pode ir diretamente ao ponto, *right to the point*, exigindo voltas, retornos sobre essas voltas, infinita paciência analítica e sobretudo um considerável grau de desistência em exercer o poder, o que exige um trabalho consideravelmente penoso, difícil e exigente por parte daquele que escolheu ser psicanalista, na sua passagem a esta posição.

Em um pequeno texto intitulado *Dialética da negação*<sup>10</sup>, nosso colega em Convergência René Lew escreve:

...a negação implica o tempo em todo significante, o tempo como significância: **é do que não era que o que se repete procede**. Da inexistência demitida de sua radicalidade opera uma raiz de ausência, dando existência esvaziada a toda função, por isso insaturada.. E a negação pode então saltar o passo de sua objetualização, seu esvaziamento e de seu ideal uma relação de não-existência. **É a rechaço do que poderia ser que implica como tempo o que se repete como não sendo..** Uma concatenação de esvaziamentos apresenta-se como uma sequência de momentos definíveis em sua diferença que é, no entanto, identificável.<sup>11</sup>

Lemos nesse trecho citado que o tempo como significância introduzida no significante pela negação implica que seja pela inexistência ("raiz de ausência") que se engendra toda repetição ("o que se repete procede do que não era"), mas aqui retomada não como repetição sintomática, mas como "concatenação de esvaziamentos numa sequência de momentos", que são os momentos da análise, no que eles permitem que o não-ser seja efetivamente escrito como semblante, no advento do psicanalista.

Lacan formula uma frase que é uma verdadeira pérola interpretativa, no melhor estilo e rigor do que seja uma interpretação em termos lacanianos, porquanto utiliza uma mesma palavra em campos diferentes de sentido, entre os quais o trânsito passa pelo *nonsense*. A palavra interpretante é *fin* que, entre finalidade e término, decide do sentido do poder à luz da psicanálise:

Eis-nos assim no princípio maligno desse poder sempre aberto a uma direção cega. É o poder de fazer o bem: nenhum poder tem outro fim, e é por isso que o poder não tem fim.<sup>12</sup>

---

10 Lew, R. - *Dialectique de la négation*, documento de trabalho, que nos foi gentilmente cedido pelo autor.

11 Tradução livre do autor do presente texto.

12 Idem, *La direction de la cure et les principes de son pouvoir*, 1958, *Ecrits*, op. cit., p. 640. Trazemos a frase de Lacan no original: *Nous voici donc au principe malin de ce pouvoir toujours ouvert à une direction aveugle. C'est le pouvoir de faire le bien, aucun pouvoir n'a d'autre fin. et c'est pourquoi le pouvoir n'a pas de fin.*

Em um movimento como *Convergencia*, cuja proposta é de criar, sustentar e reinventar permanentemente um modo de enlace entre psicanalistas que se fundamente no discurso e na práxis psicanalítica, como fazer para não cair no empuxo-ao-poder próprio a todo movimento instituído que se inscreve, necessariamente, no campo da Política? Como sustentar a política do psicanalista, que é, em um primeiro momento, a da *falta-de-ser* e, depois, do *para-ser*, do semblante, inconcebível e impraticável sem que a relação com o ser seja considerada, mas para ser esvaziada pelo trabalho analítico, que implica, de modo correlato e como condição para a instalação e ruptura do semblante um esvaziamento permanente e sequencial do poder? Podemos definir nosso propósito em *Convergencia* como: "De um laço social que não *fosse* meramente político, que *sustentasse a política da Psicanálise*, fundando, assim, um laço de trabalho entre nós, psicanalistas. Como efetivar isso? É com esta pergunta que concluo esta breve contribuição ao Grupo de Trabalho que tem o mesmo título deste texto: *Semblante, discurso e laço social entre analistas*, e ao nosso Congresso, de modo mais amplo.

Rio de Janeiro e Madrid, maio/junho de 2015.

